



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0338/20255

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 11/12/2025

Príncipe herdeiro saudita recebe presidente da Eritreia e o Secretário-geral da ONU



O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman recebeu hoje o Presidente da Eritreia, Isaias Afwerki, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Príncipe Mohammed posteriormente se reuniu com o Secretário-Geral da ONU, Antonio Guterres. **Fonte-Arab News.**

Vice-ministro saudita se reúne com delegação australiana



O Vice-ministro saudita para Assuntos Políticos, Saud Al-Sati, reuniu-se ontem em Riade com Paul Griffiths, subsecretário da divisão do Médio Oriente e África do Ministério das Relações Exteriores da Austrália, e sua delegação.

Eles discutiram as relações bilaterais entre os dois países em diversos campos, bem como questões regionais e internacionais de interesse comum, escreveu o Ministério das Relações Exteriores em um post no X. O embaixador saudita na Austrália, Sultan bin Khuzaim, também participou da reunião. **Fonte-Arab News.**

Rei da Suécia premia o cientista saudita americano Omar Yaghi com o Prêmio Nobel de Química 2025



O Rei Carl XVI Gustaf da Suécia (R) aperta as mãos após entregar o prêmio ao químico americano-saudita Omar M. Yaghi, laureado com o Prêmio Nobel de Química 2025, durante a cerimônia de premiação em Estocolmo, Suécia.

O Rei Carl XVI Gustaf da Suécia concedeu ontem ao cientista americano saudita Omar Yaghi o Prêmio Nobel de Química por seu desenvolvimento inovador de estruturas metal-orgânicas, uma estrutura semelhante a uma esponja capaz de armazenar CO₂ ou captar água do ar, ao lado dos cientistas britânico-australiano e japonês Richard Robson e Susumu Kitagawa.

Yaghi, 60 anos, que cresceu em um campo de refugiados na Jordânia em uma família palestina expulsa de sua propriedade por milícias sionistas em 1948, é o segundo laureado nascido no Reino da Arábia a receber o Prêmio Nobel de Química pela

Academia Real Sueca de Ciências. A Fundação Nobel afirmou que os MOFs, que são estruturas com grandes espaços internos, "podem ser usados para captar água do ar do deserto, capturar dióxido de carbono, armazenar gases tóxicos ou catalisar reações químicas." Em 2015, Yaghi recebeu o Prêmio Internacional King Faisal de Química e, em 2021, o King Salman concedeu-lhe cidadania saudita por suas conquistas científicas. Ele ocupa a Cátedra James e Neeltje Tretter em Química na UC Berkeley e é director fundador do Berkeley Global Science Institute. Além disso, Yaghi expandiu sua actividade empreendedora desde 2018, fundando a Atoco, que trabalha com captação de água e captura de carbono, e cofundando a H2MOF para armazenamento de hidrogênio e a WaHa Inc. para captação de água com projetos no Médio Oriente. Seu foco em captar água do ar em condições áridas vem de sua criação na Jordânia, onde a água chegava às casas a cada 14 dias. Ele iniciou testes de campo no deserto do Arizona na década de 1990 para capturar água do ar usando o modelo MOF-303 que ele havia desenvolvido.

Yaghi é o primeiro cidadão saudita a receber o Prêmio Nobel na categoria de química. A cerimônia de premiação na capital sueca é o evento mais recente a encerrar a Semana do Nobel, que, desde a passada sexta-feira, conta com laureados com o Nobel nas áreas de literatura, química, física, medicina e ciências econômicas participando de eventos públicos. O Prêmio Nobel da Paz foi concedido ontem na capital norueguesa, Oslo, onde a filha da líder da oposição venezuelana, Maria Corina Machado, o recebeu em nome da mãe após as autoridades impedirem que ela saísse mais cedo para comparecer à cerimônia. **Fonte-Arab News.**

Programa para treinar talentos nacionais em IA



SDAIA
الهيئة السعودية للبيانات
والذكاء الاصطناعي
Saudi Data & AI Authority

A Academia SDAIA abriu as inscrições para seu programa de Treinamento Profissional em Grandes Modelos de Linguagem, com o objectivo de equipar talentos nacionais com habilidades avançadas na construção e personalização de modelos de inteligência artificial generativa e no desenvolvimento de soluções inovadoras baseadas em IA. O programa oferece aos trainees experiência prática no desenvolvimento e treinamento de modelos de linguagem, permitindo que criem aplicações sofisticadas e aprimorem sua proficiência em IA. Também apoia o crescimento da carreira dos participantes ajudando-os a obter certificações profissionais da NVIDIA, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. Os participantes estão preparados para realizar o exame NVIDIA-Certified Associate: Generative AI LLMs por meio de conteúdo de treinamento especializado. O programa de quatro semanas é voltado para profissionais e indivíduos interessados em IA generativa. Quem deseja se juntar pode se registrar em athkax.sdaia.gov.sa/events/professional-training-in-generative-ai-nvidia.

A academia reafirmou seu compromisso em oferecer treinamentos de alta qualidade que desenvolvam capacidades nacionais e promovam o objectivo do Reino de construir um ecossistema líder de conhecimento em IA. **Fonte-Arab News.**

O Reino da Arábia Saudita lança Programa de Financiamento de Infraestrutura Social



O programa foi apresentado na conferência Momentum em Riade.

O Reino da Arábia Saudita anunciou o lançamento do Programa de Financiamento de Infraestrutura Social, uma iniciativa estratégica para impulsionar o investimento do sector privado nos sectores de saúde e educação do Reino.

O programa foi inaugurado em 09 de dezembro sob o patrocínio do Ministro da Economia e Planeamento e presidente do Conselho do Fundo Nacional de Infraestrutura, Faisal Alibrahim, durante a conferência de três dias Momentum 2025, organizada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento. O SIFP é uma iniciativa estratégica projectada para catalisar investimentos do sector privado nos sectores de saúde e educação do Reino.

O programa apoia a realização dos objectivos da Visão Saudita 2030, aumentando a contribuição do sector privado para o produto interno bruto de 40% para 65%, enquanto apoia directamente as ambições sectoriais de elevar a participação do sector privado na saúde para 32% e a matrícula de estudantes em escolas particulares para 25% até 2030. Desenvolvido em estreita colaboração com os Ministérios da Saúde, Educação e a Comissão de Avaliação de Educação e Treinamento, o programa permite que o sector privado expanda seu papel em sectores prioritários enquanto aprimora a qualidade, acessibilidade e diversidade dos serviços prestados, introduzindo duas soluções inovadoras de financiamento na forma de Cofinanciamento e Garantias de Crédito, com prazos de até 15 anos, a serem implementados em parceria com bancos locais líderes, incluindo Arab National Bank, Al Rajhi Bank e Banque Saudi Fransi, além do Riyadh Bank, Saudi Awwal Bank e Saudi National Bank.

O programa tem como alvo projectos do sector privado com custo mínimo de SR30 milhões (US\$ 8,1 milhões). **Fonte-Arab News.**

Avião militar sudanês cai e mata todos os tripulantes em Port Sudan



Uma aeronave militar sudanesa caiu ao tentar pousar no leste do país e matou todos os tripulantes a bordo no mais recente acidente aéreo na nação africana devastada pela guerra, disseram autoridades militares.

Uma aeronave militar sudanesa caiu ao tentar pousar no leste do país e matou todos os tripulantes a bordo no mais recente acidente aéreo na nação africana devastada pela guerra, disseram autoridades militares. O avião cargueiro Ilyushin Il-76 sofreu uma falha técnica ao tentar pousar na passada terça-feira na Base Aérea de Osman Digna, na cidade costeira de Port Sudan, disseram ontem dois oficiais. Os oficiais, que falaram sob condição de anonimato porque não estavam autorizados a informar a imprensa, não divulgaram quantos funcionários estavam a bordo. Entre os mortos estava o piloto militar Omran Mirghani, segundo seu tio, o proeminente jornalista sudanês Osman Mirghani, que lamentou a morte do sobrinho nas redes sociais. Os militares não comentaram o acidente.

Acidentes aéreos não são incomuns no Sudão, que tem um histórico ruim de segurança na aviação. Em fevereiro, pelo menos 46 pessoas, incluindo mulheres e crianças, morreram quando uma aeronave militar caiu em uma área densamente povoada em Omdurman, cidade irmã da capital, Cartum. O acidente ocorreu enquanto o exército sofria múltiplos reveses em sua guerra contra as notórias Forças Paramilitares de Apoio Rápido. O exército perdeu el-Fasher, seu último reduto na extensa região de Darfur, em outubro, e no início desta semana foi forçado a se retirar da maior instalação de processamento de petróleo do país, na região central de Kordofan. **Fonte-AP.**

Ataque militar de drone ao campo petrolífero do Sudão mata dezenas e ameaça a linha de vida econômica do Sudão do Sul

Dezenas de pessoas foram mortas na noite da passada terça-feira em um ataque com drone próximo à maior instalação de processamento de petróleo do Sudão, realizado pelas Forças Armadas Sudanesas, segundo as forças paramilitares de Apoio Rápido. As RSF, que combatem as forças armadas do Sudão desde 2023, disseram que o campo petrolífero em Heglig foi atacado um dia após as RSF tomarem a instalação próxima à fronteira com o Sudão do Sul. Ambos os lados disseram à Associated Press que o número exacto de mortos e feridos não pôde ser confirmado imediatamente. Veículos de notícias locais relataram que sete líderes tribais e "dezenas" de soldados das RSF

foram mortos. Soldados sul-sudaneses estavam entre os mortos no ataque por um drone Akinci, segundo as RSF, que condenaram o ataque como violação do direito internacional. Dois oficiais militares sudaneses confirmaram o ataque com drone, que, segundo eles, tinha como alvo combatentes das RSF. **Fonte-AP.**

Primeiro-ministro espanhol pede ao mundo que 'levante a voz' pelos palestinos



O Primeiro-ministro espanhol, Pedro Sanchez, se reúne com o Presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, no Palácio Moncloa, em Madrid, Espanha, em 10 de dezembro de 2025.

O Primeiro-ministro da Espanha convocou hoje a comunidade internacional a "levantar sua voz" para evitar que a situação dos palestinos seja esquecida, durante uma reunião com o líder da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas.

O Primeiro-ministro Pedro Sánchez também reiterou o apoio de Madrid a uma solução de dois Estados, descrevendo-a como "a única solução possível" para o conflito israelo-palestino. Ele enfatizou que o recente cessar-fogo na guerra Israel-Hamas em Gaza deve ser real e não "fictício", e insistiu que os ataques contra civis devem cessar. "O ano de 2025 foi terrível para o povo palestino", disse o Primeiro-ministro socialista ao estar ao lado de Abbas em Madrid. "A paz genuína deve ser baseada na justiça. Os responsáveis por esse genocídio serão responsabilizados, mais cedo ou mais tarde."

Abbas agradeceu à Espanha por reconhecer o Estado da Palestina em maio de 2024 e elogiou a liderança de Madrid na construção de uma coalizão internacional para ampliar o reconhecimento. Ele também pediu o fim da violência em Gaza e na Cisjordânia. A Espanha, onde o apoio à causa palestina é forte, tem sido uma das críticas mais veementes da Europa à ofensiva militar de Israel em Gaza após os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023, que deram início à guerra. **Fonte-AFP.**

Israel reabre a passagem Cisjordânia-Jordânia para ajuda a Gaza

Israel reabriu ontem a única passagem na fronteira que controla entre a Jordânia e a Cisjordânia ocupada para ajudar caminhões para Gaza após quase três meses encerrada, disseram autoridades israelenses e palestinas à AFP. Israel fechou a travessia depois que um caminhoneiro jordaniano matou a tiros um soldado israelense e um oficial da reserva na fronteira em setembro. A travessia no Vale do Jordão foi reaberta para viajantes

alguns dias depois, mas não para ajuda humanitária destinada à Faixa de Gaza, que foi devastada por mais de dois anos de guerra. Um oficial palestino que falou sob condição de anonimato confirmou que a travessia havia sido aberta. "Todos os caminhões de ajuda com destino à Faixa de Gaza seguirão sob escolta e segurança, após uma minuciosa inspeção de segurança", disse o oficial. A travessia de Allenby é o único portal internacional para palestinos vindos da Cisjordânia que não exige a entrada em Israel, que ocupa o território desde 1967. **Fonte-AFP.**

Hamas propõe 'congelamento' de armas em troca de trégua de longo prazo



Militantes palestinos do Hamas protegem a área enquanto trabalhadores egípcios acompanhados por membros do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) procuram os restos mortais do último refém israelense no bairro Zeitoun, na cidade de Gaza, em 8 de dezembro de 2025.

Um importante líder do Hamas disse ontem ao canal de notícias Al Jazeera que o grupo militante está aberto a um "congelamento" de armas, mas rejeita a exigência de desarmamento apresentada no plano de paz patrocinado pelos EUA para Gaza. "A ideia de desarmamento total é inaceitável para a resistência (Hamas). O que está sendo proposto é um congelamento, ou armazenamento (de armas)... para fornecer garantias contra qualquer escalada militar de Gaza com a ocupação israelense", disse Khaled Meshaal em uma entrevista exibida ontem.

"Essa é a ideia que estamos discutindo com os mediadores, e acredito que, com o pensamento pragmático americano... tal visão poderia ser acordada com a administração dos EUA", disse ele. O acordo de cessar-fogo patrocinado pelos EUA, composto por três fases, em vigor desde 10 de outubro, interrompeu a guerra que começou após o ataque mortal do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023. Mas ela permanece frágil, já que Israel e Hamas se acusam quase diariamente de violações.

Nessa fase, as tropas israelenses se retirariam ainda mais de suas posições em Gaza e seriam substituídas por uma força internacional de estabilização (ISF), enquanto o Hamas depoesaria suas armas. Espera-se que Netanyahu se reúna com o presidente dos EUA, Donald Trump, nos EUA ainda este mês para discutir os avanços na trégua. Mas o grupo militante palestino indicou que não concordaria em abrir mão de seu arsenal. "Desarmamento para um palestino significa arrancar sua própria alma. Vamos alcançar esse objectivo de outra forma", acrescentou Meshaal. "O perigo vem da entidade sionista, não de Gaza", acrescentou, referindo-se a Israel. **Fonte-AFP.**

O levantamento das sanções contra a Síria impedirá o ressurgimento do Daesh e fortalecerá a nação, dizem especialistas



Pessoas agitam bandeiras sírias enquanto comemoram um ano desde a destituição do governante de longa data Bashar Al-Assad em Damasco, em 8 de dezembro de 2025.

A Síria enfrenta sérios desafios após a queda do regime Assad há um ano, incluindo a reconstrução de sua economia, a retirada de refugiados e civis da pobreza e a prevenção de um ressurgimento do terrorismo do Daesh. Mas especialistas em dois painéis durante uma conferência ontem no Instituto Médio Oriente em Washington, D.C., com a presença da Arab News, concordaram que o presidente dos EUA, Donald Trump, até agora tomou todas as medidas certas para ajudar a nação devastada pela guerra a avançar rumo à recuperação e estabilização.

Uma das discussões, explorou os efeitos das políticas americanas na reconstrução da Síria, incluindo o levantamento das sanções e esforços para atrair investimentos externos e estabilizar a economia. Moderado pelo Vice-presidente de políticas do instituto, Kenneth Pollack, os participantes incluíram os embaixadores aposentados Robert Ford e Barbara Leaf, e Charles Lister, pesquisador residente do instituto.

A outra discussão focou nas contínuas dificuldades econômicas na Síria que podem alimentar o terrorismo, incluindo o ressurgimento do Daesh. A moderadora Elizabeth Hagedorn, do site de notícias Al-Monitor, sediado em Washington, foi acompanhada por Mohammed Alaa Ghanem, do Conselho Sírio-Americano, Celine Kasem, do Syria Now, e Jay Salkini, do Conselho Empresarial EUA-Síria.

"À medida que entramos em uma era de transição, a diplomacia dos EUA deu um passo atrás por um tempo com a chegada do governo Trump", observou Lister durante o primeiro painel de discussão. Todos têm sido "super cépticos" sobre onde o novo governo liderado pelo presidente Ahmad Al-Sharaa, ex-comandante das forças de oposição síria, lideraria o país, disse ele, mas Trump assumiu a liderança por meio de políticas e apoio. "Francamente, acho que em janeiro nenhum de nós esperava que o presidente Donald Trump estivesse apertando a mão de Ahmad Al-Sharaa" alguns meses depois, acrescentou. "Apesar dos desafios óbvios, este novo governo (sírio) precisa ser engajado." **Fonte-AFP.**

Líder druso israelense busca garantias de segurança dos EUA para a minoria síria



O líder da comunidade drusa em Israel, Sheikh Mowafaq Tarif, conversa com a Reuters em sua casa em Julis, norte de Israel, em 28 de julho de 2025.

O líder druso israelense, Sheikh Mowafaq Tarif, instou os Estados Unidos a garantirem a segurança da comunidade drusa na Síria para evitar a recorrência de violência intensa no início deste ano em Sweida, uma província de maioria drusa. Washington precisava cumprir seu "dever" de proteger os direitos das minorias sírias para incentivar a estabilidade, disse Tarif à Reuters na passada terça-feira durante uma visita oficial à ONU em Genebra, acrescentando que o apoio dos EUA também eliminaria a necessidade de intervenção israelense no sul da Síria. "Esperamos que os Estados Unidos, o presidente Trump e a América, como grande potência, queiram garantir os direitos de todas as minorias na Síria ... impedindo mais massacres", disse ele. O presidente dos EUA, Donald Trump, prometeu em novembro fazer tudo o que puder para tornar a Síria bem-sucedida após conversas históricas com o presidente sírio Ahmed Al-Sharaa.

Os drusos são um grupo minoritário cuja fé é um ramo do Islão e têm seguidores em Israel, Síria e Líbano. Em julho, confrontos eclodiram entre moradores drusos e beduínos em Sweida após sequestros, levando a uma semana de derramamento de sangue que destruiu gerações de frágil convivência. A violência piorou quando as forças governamentais enviadas para restaurar a ordem entraram em confronto com milicianos drusos, com relatos generalizados de saques, assassinatos sumários e outros abusos. Israel entrou na disputa com o incentivo de sua minoria drusa, atacando as forças do governo com os objetivos declarados de proteger os drusos sírios e manter suas fronteiras livres de militantes. Dezenas de milhares de pessoas de ambas as comunidades foram deslocadas, com a agitação praticamente acabando com a presença dos beduínos em grande parte de Sweida. Após os ocorridos, líderes drusos pediram um corredor humanitário do Golã ocupado por Israel até Sweida e exigiram autodeterminação, que o governo rejeita.

Questionado sobre propostas do influente druso Sheikh Hikmat Al-Hajjari para separar Sweida da Síria, Tarif enfatizou a necessidade de autodeterminação, bem como de direitos e segurança para todas as minorias. Era inconcebível pedir aos drusos que entregassem suas armas, disse ele. As negociações para trazer a antiga força policial de Sweida para a folha de pagamento de Damasco — enquanto permitiam que os drusos mantivessem ampla autonomia local — vinham avançando de forma constante até que

o derramamento de sangue de julho os descarrilou. Al-Sharaa, que liderou facções rebeldes que derrubaram o ex-líder de longa data Bashar Assad em dezembro passado, prometeu proteger os drusos. No entanto, Hajjari insiste que representa uma ameaça existencial para sua comunidade e, em setembro, rejeitou um roteiro de 13 pontos, mediado pelos EUA, para resolver o conflito. Questionado se as negociações deveriam ser retomadas, Tarif disse que a confiança precisava ser reconstruída permitindo que os moradores retornassem às suas casas e permitindo o acesso humanitário total a Sweida. "Hoje não há confiança ... A confiança precisa ser reconstruída", disse ele. **Fonte-Reuters.**

Trump diz que planeja nomear o Conselho da Paz de Gaza no início do próximo ano



O Presidente dos EUA, Donald Trump, observa durante uma mesa-redonda na Sala Roosevelt da Casa Branca, em Washington, DC, em 10 de dezembro de 2025.

O Presidente dos EUA, Donald Trump, disse ontem que um anúncio sobre quais líderes mundiais servirão no Conselho de Paz de Gaza deve ser feito no início do próximo ano. Trump disse a repórteres durante um evento econômico na Sala Roosevelt da Casa Branca que vários líderes querem fazer parte do conselho, que foi estabelecido sob um plano de Gaza que estabeleceu um frágil cessar-fogo entre Israel e militantes do Hamas.

Trump disse que "os reis, os presidentes, os primeiros-ministros — todos querem fazer parte do Conselho da Paz." Ele disse que isso deve ser anunciado no ano novo. "Vai ser uma das placas mais lendárias de todos os tempos. Todo mundo quer estar nela", disse ele. Uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas adotada em 17 de novembro autorizou um Conselho de Paz e países que trabalham com ele para estabelecer uma Força Internacional de Estabilização (ISF) temporária em Gaza.

A resolução, redigida pelos EUA, descreveu o Conselho de Paz como uma administração de transição "que definirá o arcabouço e coordenará o financiamento para a reurbanização de Gaza" em linha com o plano de paz de 20 pontos de Trump. Diz que o Conselho de Paz funcionará "até que a Autoridade Palestina (AP) tenha concluído satisfatoriamente seu programa de reformas ... e pode retomar o controle de Gaza de forma segura e eficaz." **Fonte-Reuters.**

Sultanato de Omã e o Líbano pedem retirada total de Israel e pedem fim dos ataques



Joseph Aoun e Sultan Haitham bin Tariq.

O Presidente libanês Joseph Aoun e seu homólogo Omenense, Sultan Haitham bin Tariq, fizeram ontem um apelo conjunto para a suspensão imediata dos ataques israelenses ao território libanês e a retirada total de todas as terras árabes ocupadas, alertando que as violações contínuas representam uma ameaça directa à estabilidade regional. A declaração foi feita durante uma cúpula de alto nível em Mascate, onde ambos os líderes expressaram "séria preocupação com a agressão israelense em andamento" e descreveram a ocupação como uma "clara violação" da Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU e de outras resoluções internacionais. Os dois lados também expressaram apoio aos esforços internacionais para desescalar tensões, estabilizar a situação no terreno, facilitar o retorno de pessoas deslocadas e avançar na reconstrução pós-conflito.

Aoun liderou uma delegação ministerial libanesa ao Sultanato de Omã que incluiu os ministros das Relações Exteriores, Interior, Defesa, Saúde e Agricultura do Líbano, para conversas com autoridades omanenses. A declaração conjunta enfatizou o fortalecimento dos laços bilaterais e a ampliação da cooperação em sectores-chave, incluindo política, economia, investimento, bancos, turismo, transporte e logística. Ambos os lados pediram preparativos rápidos para realizar a primeira sessão do Comitê Conjunto Sultanato de Omã-Libanês, presidido pelos dois ministros das Relações Exteriores em Mascate, e a busca de novos acordos e memorandos de entendimento destinados a fortalecer a colaboração em comércio, cultura e ciência. A declaração também destacou a necessidade de fortalecer o engajamento do sector privado em oportunidades de desenvolvimento compartilhado.

O lado omanense reafirmou seu total apoio à soberania, independência e integridade territorial do Líbano, bem como ao fortalecimento das instituições estatais libanesas, especialmente o exército e às forças de segurança legítimas, e ao apoio às reformas econômicas, financeiras e administrativas em andamento do país.

Os dois lados reafirmaram a posição árabe unificada sobre o fim da ocupação israelense e o estabelecimento de um Estado palestino independente baseado nas fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como capital. Eles também ressaltaram a importância de fortalecer a solidariedade árabe, respeitar a soberania dos Estados e defender os princípios de boa vizinhança e direito internacional.

A visita oficial de Aoun ao Sultanato de Omã ocorreu no contexto do papel estabelecido de Mascate como mediador regional e internacional. Durante suas reuniões, Aoun elogiou a posição diplomática e a abordagem do Sultanato de Omã, descrevendo-a como "sábia e responsável." Ele elogiou a política externa do Sultanato de Omã, baseada no diálogo, mediação, equilíbrio e boa vizinhança, dizendo que ela garantiu ao Sultanato um "status distinto e um papel fundamental na promoção da estabilidade e resolução de conflitos por meios pacíficos."

Aoun disse que, no Líbano, "temos essa abordagem sábia em alta consideração e valorizamos profundamente o apoio firme do Sultanato ao Líbano em vários fóruns internacionais, bem como seu apoio enquanto enfrentamos os desafios que temos diante de nós." Por sua vez, o Sultão Haitham bin Tariq reafirmou o compromisso contínuo do Sultanato de Omã com a estabilidade do Líbano e seu acompanhamento próximo dos últimos acontecimentos no país. Ele enfatizou as relações profundas entre os dois países e a importância de fortalecer a cooperação e coordenação bilaterais. O sultão também elogiou as contribuições positivas da comunidade libanesa no Sultanato de Omã. À margem da visita, o ministro do Interior libanês, Ahmed Al-Hajjar, realizou uma reunião com seu homólogo omanês Hamoud bin Faisal Al-Busaidi no Palácio Al-Alam, em Mascate. Eles destacaram o fortalecimento da cooperação conjunta, especialmente em segurança e policiamento.

Segundo uma declaração conjunta, as discussões também abordaram os esforços do Líbano para consolidar a segurança interna e manter a estabilidade. Participando do lado omanense nas negociações ampliadas estavam Al-Busaidi; Shihab bin Tarik Al-Said, vice-primeiro-ministro para assuntos de defesa; Badr bin Hamad Al-Busaidi, ministro das Relações Exteriores do Sultanato de Omã; Hamad bin Said Al-Aufi, chefe do escritório privado; Mahad bin Said Ba'owain, ministro do trabalho e chefe da missão honorária; Saud bin Hamoud Al-Habsi, ministro da agricultura, pesca e recursos hídricos; e Hilal bin Ali Al-Sabti, ministro da saúde. **Fonte-Arab News.**

Ministro das Relações Exteriores do Líbano recusa visita a Teerão e propõe conversas em país neutro



O ministro das Relações Exteriores do Líbano, Youssef Raji, discursou durante uma coletiva de imprensa conjunta com seu homólogo do Egito na sede do Ministério das Relações Exteriores, no Cairo.

O ministro das Relações Exteriores do Líbano, Youssef Raji, disse ontem que recusou um convite para visitar Teerão por enquanto, propondo em vez disso conversas com o Irão em um terceiro país neutro e mutuamente acordado. Raji citou as "condições actuais" para a decisão de não ir ao Irão, sem dar mais detalhes, e enfatizou que a medida

não significava rejeição ao diálogo com o Irão. Ele não respondeu imediatamente a um pedido da Reuters por comentários adicionais. O ministro das Relações Exteriores do Irão, Abbas Araqchi, estendeu o convite na semana passada, buscando conversas sobre relações bilaterais.

Raji disse que o Líbano está pronto para abrir uma nova fase de relações construtivas com o Irão, sob a condição de que os laços sejam baseados estritamente no respeito mútuo, pleno reconhecimento da independência e soberania de cada país, e não interferência nos assuntos internos sob qualquer pretexto. Em uma aparente referência aos apelos para desarmar o Hezbollah, o movimento armado libanês aliado por décadas ao Irão, Raji acrescentou que nenhum Estado forte poderia ser construído a menos que o governo tivesse o direito exclusivo de possuir armas.

O Hezbollah, outrora uma força política dominante com ampla influência sobre o Estado libanês, foi severamente enfraquecido por ataques israelenses no ano passado, que terminaram com um cessar-fogo mediado pelos EUA. Tem sofrido crescente pressão interna e internacional para entregar suas armas e colocar todas as armas sob controle estatal. Em agosto, o principal oficial de segurança iraniano, Ali Larijani, visitou Beirute, alertando o Líbano para não "confundir seus inimigos com seus amigos." Em junho, o ministro das Relações Exteriores Araqchi disse que Teerão buscou uma "nova página" com gravatas. **Fonte-Reuters.**

O programa 'gold card' de Trump entra em vigor, oferecendo vistos americanos a partir de US\$ 1 milhão por pessoa



"Então, mesmos vistos, mas agora só cheio das melhores pessoas", disse Lutnick.

O Presidente Donald Trump anunciou ontem que seu tão prometido "cartão dourado" está oficialmente à venda, oferecendo status legal e um caminho eventual para a cidadania americana para indivíduos que paguem 1 milhão de dólares e corporações que paguem o dobro por funcionário nascido no exterior.

Um site aceitando inscrições foi lançado quando Trump revelou o início do programa, cercado por líderes empresariais na Sala Roosevelt da Casa Branca. Ele tem como objetivo substituir os vistos EB-5, que o Congresso criou em 1990 para gerar investimento estrangeiro e que estavam disponíveis para pessoas que gastam cerca de 1 milhão de dólares em uma empresa que emprega pelo menos 10 pessoas.

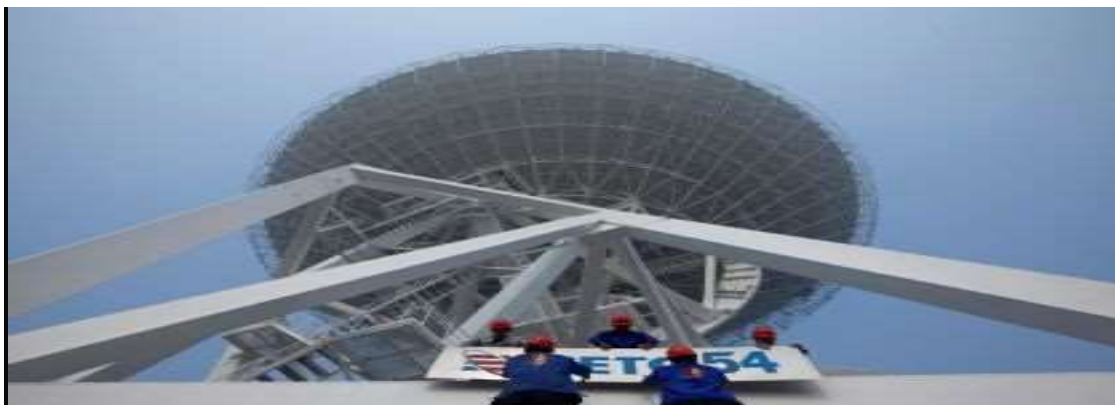
Trump vê a nova versão como uma forma dos EUA atraírem e reterem os melhores talentos, tudo isso enquanto gera receita para os cofres federais. Ele vem promovendo

o programa do gold card há meses e uma vez sugeriu que cada cartão custaria \$5 milhões, embora mais recentemente tenha revisado isso para o esquema de precificação de \$1 milhão e \$2 milhões.

O Presidente disse que todos os fundos arrecadados como parte do programa "irão para o governo dos EUA" e previu que bilhões fluirão para uma conta administrada pelo Departamento do Tesouro "onde possamos fazer coisas positivas para o país." O novo programa é, na verdade, um green card, oferecendo residência legal permanente com a chance de cidadania. "Basicamente, é um green card, mas muito melhor", disse Trump. "Muito mais poderoso, um caminho muito mais forte."

O Presidente não mencionou os requisitos para criação de empregos para empresas candidatas ou os limites gerais do programa, que existem sob o actual programa EB-5. Em vez disso, ele disse que ouviu reclamações de líderes empresariais que não conseguiram recrutar graduados excepcionais de universidades dos EUA por serem de outros países e não terem permissão para ficar. "Você não pode contratar pessoas das melhores faculdades porque não sabe se pode manter a pessoa", disse Trump, acrescentando, que o programa significa que os EUA estão "trazendo alguém incrível para nosso país porque achamos que serão pessoas incríveis" e destacou os melhores graduados americanos da China, Índia e França como alguns que possivelmente receberão cartões de ouro. "As empresas vão ficar muito felizes", disse ele. **Fonte-AP.**

China e Brasil criam laboratório espacial, apesar da pressão dos EUA



Funcionários instalam uma placa com a inscrição "54º Instituto de Pesquisa da CETC em Xangai."

A China e o Brasil começaram a construir um laboratório conjunto para tecnologias espaciais, informou a empresa estatal chinesa de eletrônicos de defesa CETC, aprofundando os laços científicos à medida que os dois países avançam com um grande projecto de telescópio na América do Sul. Dois projectos de telescópios chineses no Chile e na Argentina foram congelados desde que o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, retornou à Casa Branca, conforme líderes da região tentam obter favores e evitar taxas tarifárias punitivas. As autoridades dos EUA descreveram esses telescópios chineses como ferramentas que poderiam ser usadas por Pequim para aumentar sua capacidade de vigilância sobre o solo americano e as actividades de Washington em uma região que considera crucial para a defesa interna. A China

respondeu acusando Washington de interferência e de politizar a cooperação científica. O Instituto de Pesquisa de Comunicações de Rede da CETC assinou um acordo com a Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade Federal da Paraíba para estabelecer o Laboratório Conjunto China-Brasil de Tecnologia de Radioastronomia.

A CETC disse na passada terça-feira (10) que o laboratório conjunto apoiaria a pesquisa de fronteira para observação astronômica e exploração do espaço profundo. A iniciativa do laboratório ocorre no momento em que a China e o Brasil fazem progressos no radiotelescópio BINGO, projectado para ajudar a estudar a estrutura do universo e a energia escura.

Em junho, a CETC informou que a estrutura principal do telescópio havia sido concluída em um local de fabricação na China e enviada do porto de Tianjin para o Brasil. O instrumento, anunciado como o maior radiotelescópio da América do Sul, está programado para ser concluído em 2026. Além da pesquisa, o BINGO também será capaz de rastrear satélites, meteoroides e outros corpos pequenos, disse a CETC, acrescentando que o sistema poderia ajudar a identificar possíveis ameaças de objectos próximos à Terra.

Telescópios potentes são usados para monitoramento da situação espacial. Eles podem prever quando os satélites militares dos EUA passam por cima e ajudar a coordenar o uso de armas antissatélite (ASAT), de acordo com um relatório de 2022 da Agência de Inteligência de Defesa dos EUA.

Pequim tem usado as capacidades espaciais da China, que estão melhorando rapidamente nas últimas duas décadas, como uma ferramenta diplomática para aumentar sua influência na Ásia, África e América do Sul, instalando telescópios, construindo satélites e treinando pessoal estrangeiro. **Fonte-CNN Brasil.**

Tarifas falharam, marcas chinesas dispararam na Europa



As tarifas europeias sobre os elétricos feitos na China falharam o alvo: o mercado europeu tornou-se mais favorável ao avanço dos fabricantes chineses.

As tarifas europeias aplicadas aos veículos eléctricos produzidos na China tinham um objectivo claro: proteger a indústria automóvel europeia num momento em que a concorrência chinesa crescia a um ritmo sem precedentes. Porém, um ano depois, o balanço não podia ser mais paradoxal. Em vez de travar a «invasão» dos construtores chineses, as tarifas — que podem ir até 35%, adicionadas às 10% já existentes —, aceleraram a sua presença no mercado: as vendas na Europa subiram 93% (fonte: Dataforce) face ao ano anterior. O impacto das tarifas não podia estar mais longe do esperado por Bruxelas. Se em 2024 as vendas das marcas chinesas só cresceram 13%

devido às dúvidas sobre o alcance das tarifas, assim que as regras ficaram definidas várias marcas ajustaram o plano de ataque. Os eléctricos perderam protagonismo e a ofensiva passou pela porta que a União Europeia deixou aberta para híbridos e modelos a combustão.

O salto chinês

As previsões apontam para mais de 700 000 unidades vendidas na UE, Reino Unido e EFTA até final de 2025, o que é um salto considerável face às 408 000 unidades registadas em 2024. A quota de mercado também não para de crescer: em outubro os chineses alcançaram os 7%, o dobro do ano anterior. É o reflexo do falhanço da abordagem «cirúrgica» adoptada por Bruxelas, que decidiu penalizar apenas os eléctricos produzidos na China e aplicar tarifas diferenciadas consoante o construtor. Enquanto os EUA optaram por impor tarifas de 100% sobre todos os veículos importados da China, a UE optou por uma penalização selectiva. Se os eléctricos foram prejudicados, todos os híbridos, híbridos *plug-in* e até modelos a gasolina fabricados na China continuam a pagar apenas a tarifa regular de 10%.

MG, BYD e Chery, por exemplo, expandiram rapidamente a oferta de modelos híbridos e a combustão. Os resultados estão à vista: MG está a crescer 24% este ano (até outubro), BYD dispara em 289% e Chery salta 715% (ainda que partindo de uma base muito menor). A mudança também se vê no *mix* de vendas das marcas chinesas: a parcela de eléctricos caiu de 44% (jan.-out. 2024) para 34% em 2025.

Porquê que a estratégia europeia falhou?

A resposta é tão económica quanto estratégica. Philippe Houchois, analista e director na Jefferies, em declarações à Automotive News Europe resume-o de forma simples: a decisão da UE “foi mal concebida” ao atacar apenas uma tecnologia. Os fabricantes chineses têm custos de produção 20-30% inferiores ao dos europeus. Isso dá-lhes margem confortável para vender modelos não-eléctricos, absorvendo facilmente a tarifa regular de 10%. Nalguns casos, até conseguem absorver a tarifa adicional aplicada aos eléctricos graças às margens mais elevadas que obtêm na Europa face à China.

O mercado chinês continua a ser arrasado por uma guerra de preços, que reduziu drasticamente a rentabilidade interna das marcas. É no exterior, particularmente na Europa, que estas encontram margens atractivas. Nada indica que a estratégia vá mudar.

Produzir na Europa? Não compensa... ainda

Outro objectivo das tarifas era incentivar a produção local. Também aqui o efeito foi o oposto. Apesar dos anúncios frequentes — BYD, Chery, MG, GAC, Leapmotor, Great Wall, entre outros —, **menos de 20 000 veículos chineses vão ser produzidos na Europa em 2025**. A razão é estrutural: a China tem um excesso de capacidade produtiva estimado em 50%. Com fábricas subutilizadas e custos inferiores, não há incentivo económico para deslocar produção para a Europa. A não ser que Bruxelas decida endurecer as regras sobre os requisitos de conteúdo local para a produção automóvel. Por exemplo: a fábrica da Chery, em Barcelona, apenas monta veículos através

de knock-down kits (CKD) enviados da China. A exceção é a BYD, que vai iniciar produção de veículos na Hungria em 2026, numa fábrica com uma capacidade total de 150 mil unidades/ano. Mas é a exceção que confirma a regra: sem pressão de tarifas transversais, não há urgência real para investir em produção europeia.

Tarifas que protegeram pouco

Um ano depois, o retrato é claro. **As tarifas sobre os eléctricos produzidos na China não travaram os fabricantes chineses na Europa.** Estes adaptaram-se rapidamente às circunstâncias e consolidam agora presença noutros segmentos «destapados» pela regulação europeia. A indústria europeia ganhou muito pouco com esta medida proteccionista. E enquanto o debate político continua, os números não deixam margens para dúvidas: a presença chinesa cresce, diversifica-se e reforça-se com ou sem tarifas. **Fonte-Razão Automóvel.**

Plano de retorno de migrantes em toda a UE dificilmente será lançado



MOHAMED CHEBARO
10 de dezembro de 2025



As reformas comuns de migração em toda a UE continuam sendo um plano ambicioso que provavelmente não será lançado.

Como se a UE, como bloco, ou os Estados-nação da Europa precisassem da mais recente Estratégia de Segurança Nacional dos EUA para aumentar as adversidades e desafios que vêm se acumulando nos últimos anos. O documento estratégico, publicado na semana passada, afirma que as nações europeias estão à beira do "apagamento civilizacional" e alerta que, dentro de algumas décadas, a população de certos Estados-membros da OTAN pode se tornar maioritariamente não europeia.

A extrema-direita na Europa tem usado essa narrativa — de que a UE enfrenta uma ameaça migratória em massa maior que a ameaça russa — na última década na tentativa de ganhar poder em todo o continente. Ela funciona com uma chapa de raça, cristianismo, nacionalismo e domínio racial, colocando pessoas e países uns contra os

outros em um momento em que o envelhecimento populacional em todo o continente torna imperativa a necessidade de recém-chegados. Caso contrário, quem vai trabalhar nos empregos mal remunerados, por exemplo, no sector de cuidados — para cuidar principalmente dessa mesma população envelhecida?

A estratégia dos EUA corresponde a um sentimento na Europa que está ganhando força ao culpar os migrantes pelo aumento dos custos e pela diminuição da integração dentro da UE, que por sua vez é acusada de não conseguir conter o fluxo de imigração devido à natureza do lento processo de construção de consensos incorporado em suas instituições. Assim, as questões de asilo e migração tornam-se um canal para chamar atenção e chegar ao poder, independentemente das provas de que suas reivindicações são exageradas e do facto de que as soluções apresentadas são respostas ruins à questão.

Enquanto isso, a imprensa de direita e populista continua a enquadrar os recém-chegados à UE como uma ameaça existencial ao seu povo, semeando ódio e medo entre a chamada população indígena de uma possível mudança em sua composição cultural, racial e religiosa.

Impulsionados pelo medo de partidos de extrema-direita ganharem nas urnas, governos de toda a Europa estão correndo para adoptar uma postura mais dura em relação à migração. Na passada segunda-feira, países da UE concordaram com uma proposta preliminar para criar "centros de retorno" para requerentes de asilo fora do bloco, imitando o plano italiano ainda não testado para processar solicitantes na Albânia e o agora cancelado esquema britânico para o Ruanda.

Esse plano de retorno em toda a UE pode ser uma política ambiciosa que não será lançada, pois não será fácil regular estritamente centros fora das fronteiras da UE — países seguros para onde os migrantes serão removidos mesmo que não seja seu local de origem. O plano também inclui impor penalidades mais severas aos candidatos reprovados que se recusam a sair. Aprovar tal política é uma coisa, mas adaptá-la para cumprir as inúmeras leis e éticas em várias nações é outra.

Parece que os países da UE superaram esses obstáculos teoricamente, colocando em prática essas novas regras de asilo, adoptando uma lista comum da UE de "países seguros de origem" e criando uma política europeia para retornos de migrantes, apesar das fortes críticas de mais de 200 organizações de direitos humanos e de migrantes. As propostas da Comissão Europeia se tornarão lei se o Parlamento Europeu aprovar o texto final.

Os países da UE também concordaram com seu "pool de solidariedade" para 2026, por meio do qual podem decidir se ajudam os Estados mediterrâneos com 21.000 realocações ou se fornecem €420 milhões (US\$ 488 milhões) em contribuições financeiras.

De acordo com as regras propostas, um país da UE poderá rejeitar um pedido de asilo se a pessoa pudesse ter recebido protecção em um país que o bloco considere seguro. De modo geral, isso significa que os Estados-membros concordam que os países candidatos à adesão à UE devem ser designados como seguros para solicitantes de asilo, juntamente com Bangladesh, Colômbia, Egipto, Índia, Marrocos e Tunísia, por exemplo.

O Conselho Europeu também concordou com sua posição sobre a criação de regras de retorno em toda a UE, incluindo obrigações para aqueles que recebem ordens de retorno pela primeira vez e a penalização para aqueles que não saem voluntariamente, com possível pena de prisão por não cooperação.

Críticos do plano temem que as novas medidas, se aprovadas, espelhem a abordagem "desumanizante" adoptada pelos EUA. Eles acreditam que os centros podem ser um esquema ineficaz e cruel que simplesmente visa, de forma equivocada, aumentar deportações, batidas policiais, vigilância, detenções e, acima de tudo, discriminação.

Portanto, fica a dúvida se a fiscalização de imigração e deportação ao estilo dos EUA provavelmente chegará à Europa, sabendo que as tendências estabelecidas e usadas pelos formuladores de políticas americanos frequentemente se espalham para a Europa Ocidental. Talvez isso seja uma aposta remota por enquanto, mas, à medida que a extrema-direita continua sua ascensão nas pesquisas e a interferência ideológica e prática liderada pelos EUA continua sob o pretexto da protecção da liberdade de expressão, o que hoje é inconcebível pode se tornar política amanhã.

No geral, a UE tem registrado uma queda nas entradas irregulares em seus territórios, com números mostrando uma queda de 20% até agora em 2025 em comparação com o ano passado. No entanto, esses números não conseguiram aliviar a pressão sobre os políticos. Além disso, as novas propostas surgem apenas alguns meses após a UE adoptar um novo conjunto de leis migratórias que entrarão em vigor em junho próximo.

Os riscos dessas políticas são inúmeros, especialmente quando as nações tentam adoptar uma lista comum de países seguros em um mundo conflituoso, onde países designados como seguros hoje podem se enquadrar em muitas categorias subjectivas amanhã. Eles podem até estar sujeitos a intermináveis desafios nos tribunais de direitos humanos.

Mas, apesar do limbo legal e dos buracos de eficácia, o plano da UE é movido pelos medos de parlamentares de centro-direita e extrema-direita, que estão determinados a mostrar aos seus eleitores que estão agindo. No entanto, a solidariedade é inexistente em toda a UE, sem países querendo receber solicitantes de asilo extras. E aqui estamos falando em compartilhar apenas 30.000 solicitantes de asilo para aliviar a pressão sobre países que registram grandes chegadas, como Grécia e Itália.

Deixando de lado os altos custos desse plano bastante ineficaz, aceitar mais solicitantes de asilo está cheio de riscos políticos. Portanto, as reformas comuns de migração em toda a UE continuam sendo um plano ambicioso que provavelmente não será lançado.

Mohamed Chebaro é um jornalista britânico-libanês com mais de 25 anos de experiência cobrindo guerra, terrorismo, defesa, actualidades e diplomacia.

Aviso legal: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista da **Arab News**.



INDEPENDÊNCIA NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025

Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor